

A Teoria da Complexidade como contribuição para o desenvolvimento das pesquisas no campo do Turismo de Base Comunitária na América Latina

Complexity Theory as a contribution to the development of research in the field of Community-Based Tourism in Latin America

La Teoría de la Complejidad como contribución al desarrollo de la investigación en el campo del Turismo de Base Comunitaria en América Latina

Jean Carlos Estanislau Ferreira 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Natal, RN, Brasil

jcestanislau18@gmail.com

Talita Poliana Guedes da Silva 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN,

Natal, RN, Brasil

talitapoliana@gmail.com

Marcelo da Silva Taveira 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN,

Natal, RN, Brasil

marcelo.taveira@ufrn.br

Mauro Lemuel de Oliveira Alexandre 

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Natal, RN, Brasil

mauro_alx@yahoo.com.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.18472/cvt.24n1.2024.dossieTBC.2144>

RESUMO:

O Turismo de Base Comunitária (TBC) é um modelo alternativo de desenvolvimento turístico baseado na autogestão da comunidade, protagonista na promoção de suas culturas, tradições e recursos naturais, se beneficiando dos resultados econômicos da atividade. A Teoria da Complexidade, de Edgar Morin, aborda que a construção do conhecimento deve-se buscar a compreensão da complexidade dos fenômenos e para isso Morin traz alguns princípios denominados de inteligibilidade a serem considerados na construção do conhecimento científico. Com intuito de compreender a relação da Teoria da Complexidade com o TBC, este estudo tem por objetivo analisar como a Teoria da Complexidade pode contribuir para o desenvolvimento das pesquisas no campo do Turismo de Base Comunitária na América Latina. A metodologia utilizada para construção deste ensaio teórico foi a pesquisa bibliográfica para interconectar as epistemologias do TBC aos princípios de Edgar Morin. Como resultados, é relevante destacar que os princípios da Teoria da Complexidade podem apontar caminhos possíveis para entender o TBC como fenômeno complexo e transdisciplinar.

PALAVRAS-

CHAVE: Turismo de Base Comunitária; Teoria da Complexidade; Epistemologia do Turismo; América Latina.

ABSTRACT:

Community-Based Tourism (TBC) is an alternative model of tourism development based on the self-management of the community, which is a protagonist in promoting its cultures, traditions and natural resources, benefiting from the economic results of the activity. Edgar Morin's Complexity Theory states that the construction of knowledge must seek to understand the complexity of phenomena and to this end Morin brings some principles called intelligibility to be considered in the construction of scientific knowledge. To understand the relationship between Complexity Theory and TBC, this study aims to analyze how Complexity Theory can contribute to the development of research in the field of Community-Based Tourism in Latin America. The methodology used to construct this theoretical essay was bibliographical research to interconnect the epistemologies of TBC with Edgar Morin's principles. As results, it is important to highlight that the principles of Complexity Theory can point out ways to understand TBC as a complex and transdisciplinary phenomenon.

KEYWORDS:

Community-Based Tourism; Complexity Theory; Epistemology of Tourism; Latin America.

RESUMEN:

El Turismo de Base Comunitaria (TBC) es un modelo alternativo de desarrollo turístico basado en la autogestión de la comunidad, que es protagonista en la promoción de sus culturas, tradiciones y recursos naturales, beneficiándose de los resultados económicos de la actividad. A Teoria da Complexidade, de Edgar Morin, aborda que a construção do conhecimento deve-se buscar a compreensão da complexidade dos fenômenos e para isso Morin traz alguns princípios denominados de inteligibilidade a serem considerados na construção do conhecimento científico. Como intuito de comprender la relación de la Teoria de la Complejidad con el TBC, este estudio tiene por objetivo analizar como la Teoria de la Complejidad puede contribuir para el desarrollo de las pesquisas en el campo del Turismo de Base Comunitária na América Latina. A metodologia utilizada para la construcción de este ensayo teórico foi pesquisa bibliográfica para interconectar as epistemologias do TBC aos princípios de Edgar Morin. Como resultados, es relevante destacar que los principios de la Teoría de la Complejidad pueden poner caminos posibles para entender el TBC como fenómeno complejo y transdisciplinar.

PALABRAS

CLAVE: Turismo de Base Comunitaria; Teoría de la Complejidad; Epistemología del Turismo; América Latina.

1. Introdução

O Turismo de Base Comunitária - TBC é um modelo de desenvolver e praticar o turismo, trazendo autonomia, resgate, troca e reforço sociocultural para muitas comunidades que detém diversos saberes, ora perdidos em meio a imposições culturais europeias, tais como ribeirinhos, assentados, quilombolas e mais recentemente conglomerados urbanos, como as favelas (Cardoso; Bomfim, 2022).

Neste sentido, o TBC pode comungar com um processo de desenvolvimento responsável, valorizando as tradições e saberes, a relação terra/indivíduo. Vincula-se a um constante processo de educação patrimonial e ambiental no intuito de permanecer nas bases de sua essência. Faz-se nas

comunidades rurais, bem como urbanas que foram marginalizadas, porém, tem em seu cerne memórias e práticas tradicionais (Santos, 2022).

O TBC embora pareça um tema recente, na academia é discutido desde meados da década de 1980, ganhando força principalmente na última década (Conti et al., 2021) entre pesquisadores, que o abordam por meio de diversas perspectivas dispersas, no que tange a sustentabilidade ecológica, cultural e econômica, perpassando por estudos antropológicos, geográficos e sociológicos aliado a epistemologias diversas, como o positivismo, sistemismo, marxismo, fenomenologia, hermenêutica e teoria crítica, culminando em várias reflexões a respeito do seu desenvolvimento nas comunidades. Aqui pontua-se um possível contributo da Teoria da Complexidade, proposta por Edgar Morin, o qual acredita que o olhar isolado para as partes de um fenômeno complexo inviabiliza a compreensão de sua totalidade.

Relaciona-se o turismo, logo o TBC, à teoria da complexidade, sendo necessário diversas abordagens disciplinares, ou pontos de vista, para a compreensão de sua abrangência e real possibilidade de estratégia responsável (Beni; Moesch, 2017). Considerando a teoria da complexidade firmada em que o todo está nas partes e as partes encontram-se no todo (Matos; Barbosa, 2018) busca-se compreender como essa teoria pode fornecer bases para o desenvolvimento das pesquisas sobre o Turismo de Base Comunitária na América Latina.

Para tanto, busca-se contextualizar as abordagens epistemológicas do Turismo de Base Comunitária através dos estudos sobre a temática; refletir sobre os princípios da Teoria da Complexidade e verificar se a teoria da complexidade pode ser um paradigma para as pesquisas sobre o Turismo de Base Comunitária. Toma-se como questão norteadora: Como a teoria da complexidade pode contribuir para o desenvolvimento das pesquisas no campo do Turismo de Base Comunitária na América Latina?

A pesquisa apresenta inicialmente contextualizações gerais sobre o Turismo de Base Comunitária, reflete sobre os princípios da Teoria da Complexidade, a seguir apresenta a metodologia e logo após demonstra os resultados e discussão e as considerações finais.

2. Contextualizações sobre o Turismo de Base Comunitária e as principais abordagens epistemológicas

O chamado turismo convencional, relacionado a um modelo de exploração econômica por vezes romantizado como harmônico e promotor do desenvolvimento das localidades, difundiu-se por diversos países da Europa e América Latina. Com isso, surgiram problemáticas nas comunidades tradicionais e receptoras, tais como degradação ambiental, afastamento cultural, violência, segregação e não autonomia financeira, prezando em seu planejamento aspectos físicos e econômicos, esquecendo-se do desenvolvimento equilibrado e sustentável, fazendo-se necessário formas responsáveis de turismo (Proença & Panosso Netto, 2022; Sosa, 2023).

Além disso, observou-se que a partir do século XXI o interesse dos indivíduos por visitar locais urbanos e rurais não condicionados as convencionalidades aumentou, o que proporcionou uma busca pelo que seriam as experiências reais de turismo, que demonstrem as características dos locais como são, bem como promovam o contato e troca com a população residente (Mano *et al.*, 2017).

Desse modo, surge o Turismo de Base Comunitária - TBC, balizado com intuito endógeno das comunidades, propiciando a valorização sociocultural e natural através das práticas e saberes tradicionais. Vale refletir que o termo comunidade não se refere apenas ao compartilhamento de um espaço geográfico por vários indivíduos, nela estão presentes as características em comum que unem os seres, o compartilhamento de culturas, relações de trabalho, família e amigos, que se

interconectam entre valores e, esse caso, são utilizados como valoração por meio do turismo (Proença e Panosso Netto 2022; Sosa, 2023).

Em linhas gerais, o TBC é uma abordagem do setor do turismo que busca promover o desenvolvimento sustentável das comunidades locais, ao mesmo tempo que proporciona experiências autênticas aos turistas. Nessa modalidade de turismo, as comunidades locais têm papel central na tomada de decisões e na gestão das atividades turísticas, visando garantir que os benefícios econômicos, sociais e culturais permaneçam dentro da própria comunidade (Santos, 2022).

Para Bartholo *et al.* (2009), alguns dos princípios desse modelo de turismo são:

- A participação comunitária, de modo que as comunidades locais estão envolvidas em todas as fases do desenvolvimento do turismo, desde o planejamento até a operação e avaliação;
- Os benefícios locais, sendo o objetivo garantir que os recursos econômicos, sociais e culturais do turismo sejam distribuídos de maneira justa entre os membros da comunidade;
- A preservação cultural e ambiental, já que o TBC incentiva a preservação das tradições culturais e dos recursos naturais da comunidade, evitando práticas que possam causar danos irreparáveis; e por fim;
- O desenvolvimento sustentável, que visa garantir o crescimento do turismo consciente e a longo prazo, atendendo às necessidades presentes sem comprometer as gerações futuras.

O aspecto da convivencialidade é citado como característica essencial dos anfitriões (Grimm; Sampaio, 2011). Irving (2009) afirma que este encontro promovido entre anfitriões e visitantes, que ocorre de maneira diferente do turismo de massa, é a condição essencial das relações humanas na atividade do TBC. A convivencialidade permite ao visitante vivenciar o modo de vida da comunidade, suas tradições e cultura, promovendo assim uma relação de proximidade e sinergia (Grimm; Sampaio, 2011; Sampaio; Zamignan, 2012). Além desse fator, o comportamento ambientalmente responsável e a abertura a novas experiências são características importantes nos potenciais visitantes de destinos de TBC brasileiros (Silva et al., 2021).

Quanto aos desafios para o desenvolvimento dessa atividade, tem-se em primeiro lugar a capacitação, pois nem sempre as comunidades possuem o conhecimento necessário para administrar o turismo de forma eficaz, sendo necessários programas de capacitação. Além disso, a infraestrutura limitada é outro fator, pois algumas áreas não podem ter infraestrutura básica necessária para atrair turistas, como estradas, eletricidade e especificações adequadas devido a leis com relação ao espaço ou pela ausência de investimentos (Bartholo *et al.*, 2009; Furlan, 2022).

Ademais, a equidade da distribuição justa dos benefícios do turismo pode ser desafiadora, especialmente em comunidades onde as diferenças sociais são marcantes, aliado a pressão sobre recursos com o aumento do turismo, que pode causar interesses sobre os bens naturais e culturais locais, levando à manipulação e impactos. É fundamental garantir que as atividades turísticas respeitem as opiniões e práticas culturais das comunidades, evitando a exploração (Bartholo *et al.*, 2009; Furlan, 2022).

Na contemporaneidade, o TBC é compreendido como um modelo de turismo, firmado na valorização cultural, social e natural das comunidades que o desenvolvem, vinculado à autonomia financeira dessas localidades. Dessa forma, o TBC é abordado por disciplinas que variam desde a sociologia, antropologia, geografia e pelo próprio turismo, com abordagens epistemológicas similares ou distintas que discorrem sobre algum ponto específico deste modelo de turismo e suas especificações (Conti *et al.*, 2021).

O desenvolvimento do TBC na América Latina, segundo Moraes *et al.* (2018), está em um contexto emergente, quando é considerado o crescimento do turismo internacional. Isso se dá por alguns fatores, como o olhar crítico sob a aceleração do processo de turistificação dos lugares no intuito por vezes ilusório de alternativa milagrosa econômica que culmina em desigualdades,

exploração da comunidade local e impactos sobre o meio ambiental, fazendo-se pensar em novas formas de fomentar o turismo associado a sustentabilidade.

Outro fator é a luta pela terra de povos tradicionais, muito presente em diversos países da América Latina, como assentados, população quilombola e indígena, que em meio a instabilidades políticas, interesses capitalistas por parte de grandes empresas sobre o território e desarticulação de leis de proteção aos direitos, veem no TBC uma forma de reafirmação de sua cultura e militância política difundida através do intercâmbio cultural proporcionado através das visitas (Moraes *et al.*, 2018).

O TBC afasta-se de um padrão materialista e consumista, que possui uma lógica econômica de ganhos individuais para aproximar-se de um modelo que privilegia ganhos coletivos, utilizando de parte dessa racionalidade instrumental do mercado. Porém, sem compartilhar dos seus ideais, funciona como uma estratégia para desconcentrar as riquezas acumuladas nas mãos de alguns indivíduos e grupos de empresas (Sampaio *et al.*, 2014).

Endere e Zulaica (2015) apresentam o conceito de bem viver relacionado ao objetivo de sustentabilidade almejado por grande parcela das nações, sendo a autonomia por parte das populações tradicionais com relação ao planejamento político, jurídico, cultural e natural uma forma de bem-estar social. Nesse sentido, segundo as autoras, o TBC está relacionado ao paradigma da sustentabilidade, bem como a possibilidade de acesso a direitos e liberdades por meio do fortalecimento da identidade e do legado cultural, servindo não apenas para garantia do direito de uma população específica, mas em muitos casos reverberando no fortalecimento de uma cultura ora esquecida, porém que representa a pluralidade de uma identidade nacional, o que contribuiu para diversidade de culturas de um país e a convivência de ontologias distintas.

Moraes *et al.*, (2018), apontam ainda que os estudos de caso sobre TBC na América Latina demonstram que as redes de turismo voltadas especificamente para esse modelo tendem a aumentar, devido a uma maior eficiência na gestão e interconexão de diversos atores e comunidades que isoladamente não conseguiriam autogerir-se ou se promover.

Nesse sentido, observa-se no Brasil, por exemplo, Redes de Turismo de Base Comunitária ou Turismo Comunitário, como a Rede Cearense de Turismo Comunitário - Rede Tucum, pioneira nesse modelo de turismo, presente no estado do Ceará; a Rede de Turismo Comunitário da Bahia - Rede Batuc; Rota da Liberdade em São Paulo; Rede de Turismo de Base Comunitária de Santo Amaro do Maranhão; Conjunto de Comunidades de Turismo Ecocultural de Base Comunitária do Mosaico Sertão Veredas Peruaçu em Minas Gerais e outras, que somando esforços e saberes buscam sua autopromoção e conhecimento com foco no turismo responsável (Ministério do Turismo, 2023).

Nota-se, porém, que mesmo as redes mais estruturadas possuem carências e desafios a serem superados, em se tratando primeiramente da participação efetiva de todos os membros que a compõem, fato que leva ao destaque de algumas comunidades e lugar de coadjuvante para outras; a informalidade na gestão das redes, com ausência de documentos que descredibiliza as ações frente às próprias comunidades; dependência de recursos externos e por fim principalmente a insuficiência de políticas públicas federais e estaduais que legitimem e incentivem essas ações em rede (Moraes *et al.*, 2018).

Para Sampaio *et al.* (2014), as experiências de TBC são notórias devido à capacidade potencial dos países latino-americanos, entretanto, poucas comunidades articulam-se em formas de associação ou cooperativa para seu desenvolvimento. Tal fato, deve-se ao não incentivo por meio de políticas públicas e capacitação, o que faz com que muitas comunidades em seu processo de incubação sejam guiadas com o auxílio de organizações não governamentais ou instituições de educação, que mantém relação com o poder público e a sociedade, facilitando a intermediação até

que a iniciativa possa sustentar-se sozinha, o que leva as pesquisas sobre TBC e sua articulação prática estarem estreitamente relacionadas.

Em um contexto científico acadêmico brasileiro, Sampaio *et al.* (2014), denota que as discussões sobre TBC tem seu primeiro debate de forma mais firme a partir do I Encontro Nacional de Turismo de Base Local - ENTBL em 1997, relacionando-se aos debates dos movimentos sociais de grupos minoritários, originando-se de linhas de pesquisadores que tinham como objeto o turismo cultural, etnoturismo, ecoturismo ou o agroturismo.

Segundo Conti *et al.* (2021), as pesquisas em TBC ao nível global aumentaram significativamente desde o ano de 2014, valendo-se de abordagens em sua maioria qualitativas que versam sobre a participação dos atores comunitários, desenvolvimento econômico sustentável, avaliação do modelo por meio de estudos de caso, percepção dos turistas e políticas públicas. Especificamente quanto a América Latina, os autores reconhecem que as pesquisas caminham pelas mesmas temáticas, no entanto, o estudo não as abordou considerando que as pesquisas Ibero-Americanas representam ideais locais e não são publicadas em revistas de renome internacional.

Já Graciano e Holanda (2020), afirmam que entre o grupo de pesquisadores que mais discorre sobre TBC na América Latina estão os do Brasil, Colômbia, Equador e México, o que é também um indicador do desenvolvimento desse modelo de turismo nesses locais. Além disso, as pesquisas também versam sobre valorização da cultura, tradições e dos moradores ou comunitários, bem como conservação e preservação ambiental. As autoras identificam, de um lado, que existe um elevado número de publicações que pensam esse modelo como um viés crítico, sociológico e antropológico de combate às mazelas do atual modelo econômico, por outro lado, apresentam uma lacuna com falta de pesquisas relacionadas à efetividade da participação interna comunitária e pesquisas de mercado que possam se vincular ao TBC, como marketing e promoção tendo em vista que a comercialização ainda é um problema apontado em muitas pesquisas.

Grimm *et al.* (2017), considera que as atuais pesquisas sobre o TBC constroem um conhecimento de um ponto de vista externo, exógeno à comunidade, em muitos casos destoante da realidade dessa população, em um padrão colonizador. Diante disso, é necessário que essa sistematização e elaboração do conhecimento seja feita em parceria com esses indivíduos, principalmente com relação ao TBC, de modo que até mesmo as descobertas e benesses científicas não venham de fora para dentro ou criadas por dentro pelo pesquisador como um observador não participante em uma abordagem colonial, como aponta Cardoso e Bomfim (2022), mas que seja educativa e decolonial e construída em parceria junto dessas comunidades.

Tem-se, dessa maneira, diversas abordagens epistemológicas que formam a construção do conhecimento sobre turismo, logo sobre o Turismo de Base Comunitária, que irão refletir na prática o desenvolvimento desse modelo. Nesse sentido, Panosso Netto e Nechar (2014), propõe seis principais escolas epistemológicas do turismo, que na presente pesquisa são utilizadas como parâmetro para avaliar quais epistemologias estão sendo adotadas pelos pesquisadores de TBC em publicações latino-americanas dos últimos 5 anos.

Entre as escolas, estão o positivismo, caracterizado por metodologias definidas com base em investigações rigorosas e cautelosas que trazem dados científicos, considerados como tais apenas se aprovados nos métodos postos pelo próprio modelo epistemológico. O turismo nessa escola é pensado mediante um caráter literalmente econômico; o sistemismo, adaptado das ciências biológicas no intuito de facilitar a compreensão da complexidade que envolvia os estudos sobre turismo, para isso dividindo os elementos que o compõem, estudando-os e verificando como estão relacionados (Panosso Netto & Nechar, 2014).

O marxismo que aborda o turismo em viés crítico, sob os impactos socioculturais e econômicos em detrimento do capital; a fenomenologia, ainda pouco utilizada no turismo, caracteriza-se por

buscar entender os aspectos comportamentais que envolvem o turismo, as motivações, anseios e desejos humanos que o caracterizam e refletir sobre ele com base nos conhecimentos já acumulados; a hermenêutica, trata-se de um saber orientado para interpretação dos textos e criação das pesquisas de forma crítica e aprofundada, evitando superficialidade e enfoques descritivos para interpretação dos fatos turísticos; e por fim a teoria crítica, que ao contrário do marxismo, não busca problematizar, mas criar conteúdo com o pensar crítico e refletir sobre eles com proposição de ideias e contribuições (Panosso Netto & Nechar, 2014).

Por fim, destaca-se o Paradigma da Complexidade, proposta por Edgar Morin, o qual acredita que o olhar isolado para as partes de um fenômeno complexo inviabiliza a compreensão de sua totalidade. Com enfoque nesta proposta de pensamento, a próxima sessão discorrerá acerca dos fundamentos e princípios desta teoria.

3. Reflexões sobre a Teoria da Complexidade

Durante o percurso da construção de conhecimento, o paradigma predominante provocou a simplificação, a redução e a disjunção de conceitos, ideias e disciplinas. O princípio da simplicidade, comum nas ciências, tem intuito de reduzir ou organizar fenômenos, ignorando a capacidade complexa de desordem, multiplicidade de situações aleatórias, emergenciais e incertezas (Morin, Ciurana e Motta, 2003). O privilégio concedido à dimensão econômica implicou numa gama de problemas ao nível global, como catástrofes, desastres naturais, reforço da desigualdade social (Morin, 2000).

O conhecimento é produzido a partir da percepção humana, de sua tradução ou interpretação dos fatos. Com isso, produzem-se erros de percepção intelectual devido à subjetividade do conhecedor e de quem o compõe. Os erros, segundo Morin (2000), podem ser mentais, intelectuais, racionais e cegueira paradigmática. Como a mente humana não difere o real do imaginário, o cérebro pode inventar fantasias e imaginações e acreditar nelas como se fossem verdade. Para isso, é preciso entender que deve haver racionalidade na luta contra as imaginações provocadas pelo cérebro, que difere da racionalização.

A racionalidade provém de teorias compostas por conjunto de ideias e afirmações que podem se abrir ao novo, a crítica. Já a racionalização é como uma doutrina, que se fecha com verdades consideradas absolutas e produz o efeito de domesticar os indivíduos de uma sociedade por meio de mitos e ideias, fechados por pensamentos que são considerados verdades. Diante disso, é preciso questionar as possibilidades e formas de adquirir conhecimento, já que uma teoria deve ser dirigida para os sujeitos humanos por meio de estratégias cognitivas que auxiliem na instauração da convivialidade com as ideias. A racionalidade é a melhor proteção contra o erro e a ilusão, pois direciona os indivíduos para o pensamento crítico e autocrítico (Morin, 2000).

Para compreender o pensamento complexo, é preciso considerar quatro aspectos essenciais, que são: o contexto, o global, o multidimensional e o complexo. Morin, Ciurana e Motta (2003) aborda que a construção do conhecimento deve-se buscar a compreensão da complexidade dos fenômenos. Ou seja, o pensamento complexo busca o conhecimento multidimensional. Contudo, o autor reconhece que não é uma tarefa simples de alcançar, incluindo um princípio de incompletude e incerteza, além da dialogicidade entre o todo e as partes, e vice-versa. Morin defende que o pesquisador deve desvencilhar-se de um olhar tecnicista, linear e reducionista, como acontece com o paradigma predominante nas ciências humanas e sociais, o positivismo.

Desta forma, buscando superar as limitações das epistemologias científicas, sob uma via interpretativa, o paradigma da complexidade aborda que os fundamentos dos princípios da inteligibilidade, como a universalidade, a dialogicidade, a incerteza, a desordem, a contradição, a pluralidade, como a ordem, a coerência e a singularidade precisam ser consideradas na construção

do conhecimento científico, além da ampliação da análise dos fenômenos da sociedade e da ciência (Morin, 2005).

A transdisciplinaridade é um conceito que vai além da análise de disciplinas isoladamente, ou seja, representa a conexão de várias disciplinas com o intuito de analisar uma determinado problema num contexto geral e assim, buscar soluções em comum (Domingues, 2005). É uma troca entre as ciências que permite um novo olhar sobre o conhecimento complexo, e mesmo existindo a fragmentação do saber nas disciplinas especializadas, a transdisciplinaridade propõe a análise das diferentes dimensões da realidade cotidiana (Sonaglio, 2013). Neste contexto, Morin (2001) indica que a abertura ao conhecimento das disciplinas de maneira transdisciplinar é necessária.

O paradigma da complexidade constitui-se de sete princípios fundamentais para traçar caminhos metodológicos possíveis para a construção do conhecimento baseado no pensamento complexo:

Quadro 1
Princípios da Teoria da Complexidade

Princípios	Descrição
Sistêmico ou organizacional	Religação do conhecimento das partes com o todo e do todo com as partes, considerando que o todo é mais que a soma das partes. Sob a ótica sistêmica-organizacional, esse excedente pode significar eventos novos, ou emergências, que influenciam o todo.
Hologramático	Este princípio elucida que cada parte possui informações sobre o todo, e este, por sua vez, está presente em cada parte. É uma ideia paradoxal a qual enriquece a produção do conhecimento, quando é considerado que as partes contêm o todo e o todo possui informações sobre as partes. Também visa esclarecer que cada indivíduo possui vestígios de uma sociedade, como sua linguagem, cultura, modos de ver o mundo, que influenciam no processo transitório da vida humana numa sociedade.
Retroatividade	Rompimento com a causalidade linear dos fenômenos, caracterizados por ciclos de feedback, em que as ações produzem reações afetando as práticas subsequentes. A causa age sobre o efeito, retroagindo e realimentando o sistema organizacional.
Recursividade	A sociedade vive em pleno estado de interação e com isso, Morin (2003) rompe com a ideia linear de causa e efeito, já que pode ser uma ação de ida e retorno entre causa e efeito, causando um ciclo de auto-organização e produção de fenômenos não lineares.
Autonomia/dependência	Este princípio é baseado na ideia da autoeco-organização. Para haver autonomia, os sistemas precisam ser dependentes do ambiente externo ao qual se nutrem. Com isso, é preciso gerar dependências para se criar estruturas e padrões autônomos.
Dialógico	Assume a existência da dualidade com elementos opostos e discursos antagônicos, mas que se complementam, formando um entendimento mais amplo de fenômenos complexos. A exemplo da ordem e desordem que tanto suprimem mutuamente como também podem ser complementares em algumas situações.

Princípio da reintrodução do sujeito cognoscente em todo conhecimento	Este princípio aborda que é preciso haver uma contextualização do conhecimento e o sujeito observador necessita ser reintroduzido em seu contexto original para evitar problemas interpretativos e perda de significado. Em outras palavras, ele propõe um fim da separação entre sujeito e objeto e, em que o pesquisador se torna invisível para obedecer a uma neutralidade científica imposta pelo paradigma predominante.
---	--

Fonte: Adaptado de Morin, Ciurana e Motta (2003); Morin (2005), Morin (2015).

Diante desse contexto, é salutar reafirmar que o pensamento complexo não tem o intuito de substituir um paradigma por outro, e sim trazer luz a uma nova forma de observar questões desconsideradas pelo pensamento cartesiano e outros. Os princípios abordados no pensamento complexo, expostos acima, trazem a possibilidade de um conhecimento ampliado e de interconexão do fenômeno objeto estudado, pois se articulam de forma dialógica, sem hierarquias.

4. Metodologia

Este trabalho, de natureza teórica, com objetivo exploratório, faz uso da pesquisa bibliográfica e eletrônica, realizados de modo analítico, visando elucidar alguns apontamentos sobre a relação entre Teoria da Complexidade e seus princípios com os achados epistemológicos dos artigos analisados sobre TBC na América Latina.

É composto por uma revisão de literatura com um levantamento bibliográfico nos portais Periódicos Capes e Publicações de Turismo com pesquisas que versam sobre Turismo de Base Comunitária na América Latina. Foram utilizadas palavras-chave como “Turismo de Base Comunitária” e “Turismo Comunitário” em português e espanhol dos últimos 5 anos (2019-2023), bem como aquelas que obtiveram processo de avaliação por pares dos periódicos, devido a uma maior qualidade do conteúdo dos artigos, para construir o corpus do referencial teórico e para levantar os dados de modo a compreender a epistemologia adotada nessas pesquisas.

A justificativa para recorte de tempo é a amplitude de pesquisas existentes sobre o turismo de base comunitárias nas bases de dados, inclusive algumas com pesquisas bibliométricas do estado da arte do TBC conforme Graciano e Holanda (2020) e Conti, Spinola e Saldanha (2021).

Inicialmente foram encontradas 101 pesquisas, havendo a exclusão de 38 delas por motivo de duplicação na própria plataforma ou entre as duas plataformas utilizadas. Ademais, a exclusão se deu pelo fato de muitos artigos conterem o nome “turismo” ou “comunitário”, mas fugirem da proposta do tema TBC, versando sobre outros aspectos. Por fim, analisou-se 63 pesquisas sobre TBC na América Latina.

A partir do corpus encontrado, foi realizada a análise de conteúdo por categorização (Bardin, 2011), em que o objetivo foi mapear quais epistemologias estão sendo ancoradas nos estudos sobre TBC, utilizando como base as seis escolas epistemológicas do turismo propostas por Panosso Netto e Nechar (2014), sendo o positivismo, sistemismo, marxismo, fenomenologia, hermenêutica e teoria crítica. Além disso, pôde-se relacionar seus fundamentos com os princípios da Teoria da Complexidade de Edgar Morin, no intuito de propor futuras discussões para as pesquisas em TBC que estejam baseadas em uma abordagem holística, culminando no desenvolvimento prático coerente nesse modelo de turismo (Morin, 2005).

5. A Teoria da Complexidade como um paradigma para o desenvolvimento do Turismo de Base Comunitária

O turismo enquanto fenômeno complexo apresenta diversas dimensões que precisam ser compreendidas para construção do conhecimento e o avanço da sua definição enquanto ciência. O pensamento complexo tende a contribuir sendo uma via essencial para caminhos interpretativos para além da dicotomia turismo e economia e assim gerar estudos mais aprofundados das suas questões culturais, sociais e ambientais (Fragelli et al., 2019).

O TBC, como modelo alternativo ao turismo convencional, amparado nos preceitos da sustentabilidade, é estudado por diversos olhares e paradigmas. Com essa pesquisa, pretende-se abordar uma nova maneira de analisar o TBC a partir dos estudos da Teoria da Complexidade.

O quadro 2 a seguir indica as escolas epistemológicas do turismo, bem como sua abordagem que colabora para determinada visão científica e conseqüente planejamento e desenvolvimento prático quanto ao Turismo de Base Comunitária.

Quadro 2
Escolas epistemológicas do Turismo

Epistemologia	Abordagem no Turismo
Positivismo	Visão econômica
Sistemismo	Visão planejadora
Marxismo	Visão crítica
Fenomenologia	Visão motivacional e comportamental
Hermenêutica	Visão interpretativista
Teoria Crítica	Visão crítica contributiva

Fonte: adaptado de Panosso Netto e Nechar (2014).

Em relação aos achados nas pesquisas de TBC entre 2019 e 2023, destacam-se pela epistemologia do positivismo as pesquisas de Braga, Ferreira e Barbosa (2022); Walkowski (2019) e Arboleda Jaramillo, *et al.* (2019), das quais tratam do marketing associado ao TBC, análise do potencial de regiões para o modelo e a compreensão deste como alternativa econômica ao turismo de massa.

Já sob a ótica do sistemismo, tem-se dentre as pesquisas analisadas Lopes, Soares e Santos (2023); Camacho (2022) e Cortez-García, *et al.* (2021), que relacionam as bases do turismo consciente com o TBC, os pilares educacionais, de inclusão social e ambiental à prática da atividade e um desenho para promoção de produtos ecoturísticos.

No marxismo observa-se nos achados teóricos como os de Oliveira e Santos (2019), que identificam o TBC na Amazônia Legal Brasileira como estratégia de marketing para empreendimentos turísticos e Kalaoum e Santiago (2020), que analisam criticamente a oferta desse modelo de turismo na Comunidade do Vidigal na cidade do Rio de Janeiro.

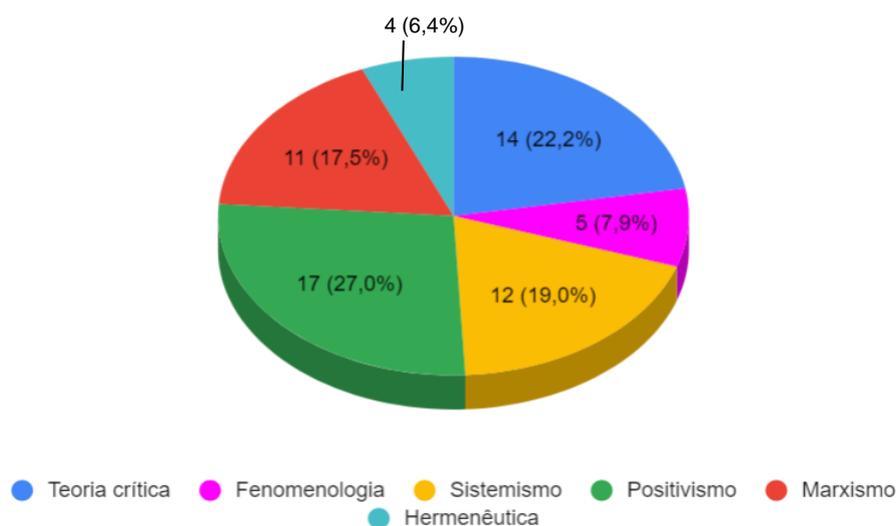
Cerqueira (2019) e Budel, Severini e Rejowski (2023), são alguns dos autores que utilizam da fenomenologia entre as pesquisas encontradas, tratando sobre os significados do TBC para as filosofias de uma comunidade sertaneja e as dimensões simbólicas deste para a hospitalidade, no intuito da compreensão do fenômeno. Ademais, Rosa, Pastor-Alfonso e Fernandes-Costa (2023) e Arratia, *et al.* (2022), buscam melhorias na prática do TBC por meio dos achados na literatura sobre a temática, bem como a busca nas pesquisas para o fortalecimento do cooperativismo, representando desse modo parte das pesquisas com base na hermenêutica, com visão interpretativista.

Por fim, pesquisadores como Moraes, *et al.* (2020), Conti e Antunes (2020) e Loo Bravo, Plaza Macías e Medina Valdéz (2020), abordam por meio da teoria crítica o TBC, em que o primeiro problematiza sobre novos conceitos e teorias a serem adotadas nessa modalidade de turismo, o

segundo relaciona as discussões teóricas às políticas públicas federais no Brasil e o terceiro reflete sobre os caminhos do TBC no contexto da pandemia no Equador.

O gráfico 1 abaixo sintetiza as pesquisas em português e espanhol na América Latina referentes ao Turismo de Base Comunitária no período entre 2019 e 2023, categorizadas conforme a epistemologia adotada pelos pesquisadores ou interpretadas conforme as orientações de Panosso Netto e Nechar (2014).

Gráfico 1. Categorização das pesquisas em TBC por epistemologia na América Latina (2019-2023)



Fonte: Os autores, 2023.

O gráfico 1 demonstra que entre as principais epistemologias adotadas nas pesquisas em TBC, destaca-se em primeiro lugar o positivismo com 17 pesquisas, de modo que a análise de conteúdo comprovou que embora os pesquisadores reconheçam esse modelo como estratégia de desenvolvimento sustentável, dimensionam-no por meio de um olhar capitalista positivista, propondo ações internas que não comungam com os princípios decoloniais do TBC.

Às 14 pesquisas com base na teoria crítica representam principalmente o contexto nacional brasileiro, com uma abordagem que visa analisar de maneira crítica o desenvolvimento da atividade, propondo estratégias para contribuir com melhorias. Cabe ressaltar que essas pesquisas se caracterizam principalmente pelos estudos de caso, sem uma compreensão abrangente com relação ao TBC, mas por meio de um olhar local regional com pesquisas majoritariamente qualitativas.

O sistemismo é a epistemologia principal para 12 das pesquisas analisadas, de modo que um número significativo delas é proveniente de países como Equador, Chile e Colômbia. A análise de conteúdo mostrou que nessas pesquisas o TBC é avaliado sob a ótica de um modelo de gestão com várias partes integradas, com uma tendência para a preservação dos aspectos naturais e culturais.

Já a abordagem marxista representa 11 pesquisas, cuja análise abarca um pensamento crítico com relação à atividade, onde os pesquisadores afirmam ser um modelo capitalista com uma nova roupagem, citam ainda o processo de aculturação e espetacularização teatral por parte das comunidades. Muitas dessas pesquisas são de pesquisadores provenientes da geografia e antropologia.

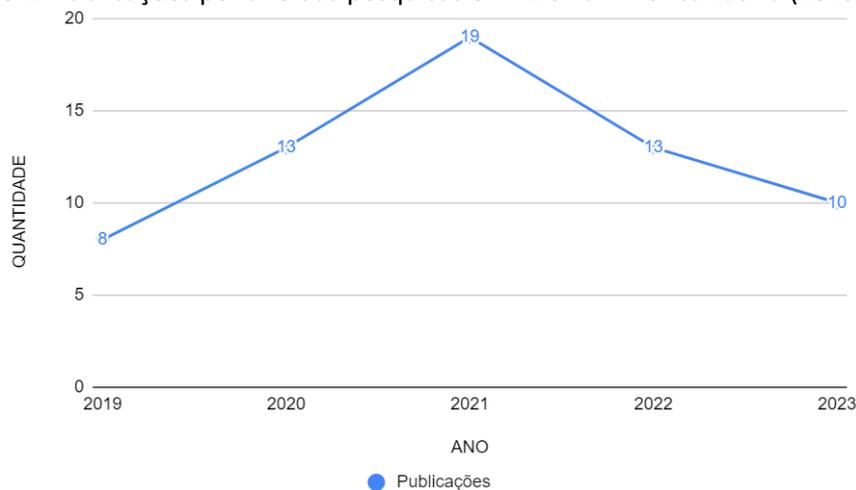
A fenomenologia é utilizada em apenas 5 pesquisas, enquanto a hermenêutica em 4. O baixo número representa a pouca utilização dessas abordagens epistemológicas nas pesquisas em turismo e conseqüentemente nas pesquisas em TBC. A análise de conteúdo denota que as pesquisas que se valeram da fenomenologia estudaram principalmente as motivações do desenvolvimento dos

roteiros de TBC em alguma comunidade específica e os significados do seu desenvolvimento para a comunidade em si.

Por outro lado, aquelas que fizeram uso da hermenêutica buscaram compreender o estado da arte das pesquisas sobre esse modelo de turismo ao longo dos anos, a evolução na compreensão dos pesquisadores e as lacunas a serem preenchidas nas publicações com uso significativo de bibliometria.

O gráfico 2, demonstra uma linha do tempo das publicações por ano dos últimos cinco anos das pesquisas em TBC na América Latina.

Gráfico 2. Publicações por ano das pesquisas em TBC na América Latina (2019-2023)



Fonte: Os autores, 2023.

As pesquisas em TBC que foram analisadas são oriundas principalmente da Argentina, Brasil, Chile, Costa Rica, Cuba, Colômbia, Equador e México. De modo que o gráfico 2 demonstra que o ano de 2019 foi o menos significativo em número de pesquisas dos últimos 5 anos, enquanto o ano de 2021, período de retorno do *lockdown* pós-pandemia da Covid-19 o mais significativo, sendo a efervescência das pesquisas sobre a temática justificada provavelmente pela previsão dos pesquisadores do aumento da busca por essa modalidade de turismo no pós-pandemia, devido a anterior privação de interação humana e ausência de contato com a natureza que no TBC são resgatados, além da busca por modalidades que possuem um quantitativo menor de pessoas, nesse período as pesquisas destinam-se a compreender esse novo fenômeno.

Em 2019 e nos anos anteriores, as pesquisas sobre TBC versavam sobre o desenvolvimento desse modelo e sua contribuição para o desenvolvimento sustentável. Após o ápice da pandemia, as pesquisas de 2022 e 2023 buscam analisar o sucesso e insucesso de algumas iniciativas, analisando criticamente os pontos positivos e negativos, acessibilidade, popularização e outros não apenas com uma nova abordagem prática, mas uma reformulação do objeto enquanto ciência, por meio de um olhar que entende o TBC como uma das estratégias para atingir parte dos objetivos da Agenda 2030.

Após análise das epistemologias presentes nas pesquisas de TBC, é possível identificar que não houve menção nem relação com a Teoria da Complexidade, apontando novos caminhos para entendimento deste modelo de turismo. Abaixo, tem-se uma reflexão sobre a relação entre o Paradigma da Complexidade e seus princípios com os aspectos relevantes estudados no TBC, como também é possível perceber a amplitude de possibilidades abarcadas nestas conexões, que outras epistemologias não conseguem alcançar.

Quadro 3

Princípios da Teoria da Complexidade e as relações com o Turismo de Base Comunitária (TBC)

Princípios	Articulação com Turismo de Base Comunitária
Sistêmico ou organizacional	Relação do conceito do TBC com as partes envolvidas. Não há desenvolvimento do TBC se não houver participação comunitária, autogestão, preservação cultural, benefícios, princípios-chave para construção desse modelo de turismo. A comunidade é a peça-chave para que o TBC exista, resista e coexista num mundo capitalista. Há a relação do TBC com o ambiente externo como exemplo de sustentabilidade e modelo de desenvolvimento local territorial (Bartholo <i>et al.</i> , 2009; Furlan, 2022).
Hologramático	O fenômeno do TBC sob a ótica da sustentabilidade permite que este modelo seja reflexo do desenvolvimento sustentável na prática. Numa atividade dentro da comunidade que o turista vivencia está refletida a inclusão, sustentabilidade, geração de renda, e todos os princípios do TBC (Endere e Zulaica, 2015).
Retroatividade	Os constantes desafios para a existência e a prática dessa atividade nas comunidades, como capacitação, infraestrutura, equidade na distribuição dos benefícios, participação, fuga do conceito e exploração da comunidade local, geram impactos sobre a comunidade que produzem reações afetando as práticas subsequentes (Moraes <i>et al.</i> , 2018;).
Recursividade	A convivencialidade é a principal característica do TBC, que é um processo da interação humana em que há a troca de cultura e saberes através do turismo. A relação produzida a partir do TBC entre anfitrião e visitante retorna num ciclo auto constitutivo, produtor de novos saberes e aprendizados (Grimm; Sampaio, 2011; Sampaio; Zamignan, 2012).
Autonomia/dependência	O TBC depende de fatores externos como: instituições que influenciam seu desenvolvimento, conhecimento sobre perfil da demanda, acesso ao mercado e comercialização para sua sustentabilidade e alcance da autonomia. A dependência de redes de TBC promove a conexão entre comunidades que sentem dificuldades com o autogerenciamento, buscando a autonomia de sua atividade (Sampaio <i>et al.</i> , 2014).
Dialógico	A ordem e desordem advém da autogestão do turismo, pois muitas iniciativas de TBC que começam com a indução de um agente externo, inicia a organização após o movimento da chegada de turistas. Porém, há os conflitos internos e as dificuldades de comercialização, que são situações de desordem e precisam ser consideradas para haver o desenvolvimento do TBC, considerando aspecto dialógico não linear (Graciano e Holanda, 2020).
Princípio da reintrodução do sujeito cognoscente em todo conhecimento	O pesquisador, sujeito observador, necessita lançar seu olhar sobre as investigações dessa temática, de maneira a revelar experiências e motivações da pesquisa, além de refletir sobre quem produz, sob quais circunstâncias e quais interesses serão atendidos. Com isso, o conhecimento gerado em pesquisas a partir do posicionamento do pesquisador, pode retornar para o objeto ou comunidades que desenvolvem o TBC de forma mais clara para auxiliá-los no processo de gestão. Também é necessário reconhecer as dores dos sujeitos envolvidos nessas comunidades para coparticiparem do processo de pesquisa (Grimm <i>et. al.</i> , 2017; Cardoso e Bomfim, 2022).

Fonte: Os autores, 2023.

A complexidade é um fenômeno que rompe com a linearidade dos processos e traz uma nova percepção de transdisciplinaridade ao processo de construção do conhecimento. O problema é posto e a partir daí reúnem-se disciplinas e saberes para buscar luz para a resolução de tais questões. No TBC, não há um processo linear de desenvolvimento, tendo em vista a pluralidade dos perfis existentes nas comunidades, dificuldades e conflitos de poder, resistência da população para que o TBC se desenvolva e atinja os princípios desejados. É importante reconhecer que não há certezas ou receitas prontas para que o TBC obtenha sucesso e sustentabilidade em uma comunidade, pois cada uma tem suas peculiaridades, e a complexidade aborda de maneira holística esse entendimento, buscando analisar de maneira transdisciplinar o TBC (Cabanilla et al., 2014).

6. Considerações finais

A visão holística abordada pela Teoria da Complexidade pode ser um caminho para entender como o TBC é gerido pela comunidade, aliando a questão econômica a outras áreas importantes como cultura, patrimônio, fatores ambientais, questões sociais, buscando desenvolvimento local e sustentável. Com isso, tem-se a ampliação do leque de estudos nas análises epistemológicas sobre o turismo de base comunitária, auxiliando assim seu desenvolvimento efetivo, por meio de uma abordagem transdisciplinar, em que o TBC não seja trabalhado por perspectivas dispersas, mas através de um diálogo colaborativo entre as diferentes áreas de conhecimento.

Alguns apontamentos puderam ser observados sobre a relação do paradigma da complexidade e o Turismo de Base Comunitária, tais como a necessidade do conhecimento do presente estado de desenvolvimento do TBC, olhando para o passado e o futuro, com intuito de reorganização do modelo posto, caráter transdisciplinar composto pelo TBC, indicador de complexidades que precisam ser analisadas para melhor compreender qual melhor caminho para seu desenvolvimento. Por fim, será possível reinterpretar o conceito difundido de TBC, permitindo uma correlação entre as partes econômica, social, cultural e ecológica e o todo que a compõem.

O turismo de base comunitária (TBC), entendido como um modelo de desenvolvimento turístico que surge de uma vontade endógena de uma determinada comunidade, é desenvolvido com o apoio de instituições educacionais e organizações não governamentais, devido a escassos incentivos de políticas públicas. Com isso, cumpre o objetivo de gerar impactos favoráveis nas dimensões econômica e social, em harmonia com o meio ambiente e as culturas locais.

A teoria da complexidade de Edgar Morin propõe uma abordagem transdisciplinar e multidimensional para a construção do conhecimento, que se contrapõe à causalidade linear dos fenômenos. A transdisciplinaridade objetiva construir uma abordagem conectada e holística do conhecimento, superando as limitações das disciplinas individuais ou uso de epistemologias específicas como as encontradas no estudo, buscando soluções de problemas complexos.

Ambas as abordagens enfatizam a importância de considerar os sistemas na totalidade, em vez de se concentrar em partes isoladas. Portanto, sendo a Teoria da Complexidade e a transdisciplinaridade uma visão sistêmica e ampliada de mundo, que valoriza a diversidade e a interconexão dos sistemas, o TBC pode ser visto como uma aplicação prática dessas abordagens, pois busca promover o desenvolvimento local por meio da participação ativa das comunidades receptoras na gestão e oferta de bens e serviços turísticos, ultrapassando o conceito ideal e entendendo os múltiplos aspectos e desafios enfrentados pelas comunidades na gestão dessa atividade.

Diante da escassez de pesquisas sobre TBC com a ótica da Teoria da Complexidade, fica evidente que este estudo contribui para um novo olhar da atividade, considerando a importância de abranger todas as relações, desafios e oportunidades. Pesquisas apontam a dificuldade no acesso ao mercado e comercialização como principais fatores de insucesso dessas iniciativas. Com o olhar da complexidade, isso pode ser refletido no planejamento da atividade de TBC nas comunidades como

aspecto importante para a sustentabilidade, além de considerar outros aspectos como desenvolvimento local, econômico e social.

As principais contribuições desta pesquisa estão ancoradas em um novo enfoque epistemológico para o Turismo de Base Comunitária na América Latina, abordando de forma mais ampla os princípios, desafios, incertezas e desenvolvimento deste modelo de turismo. Também descortina a necessidade de abranger estudos em nível global, incluindo pesquisas em inglês, em outros continentes como África e Ásia.

Referências

- ARBOLEDA JARAMILLO, C. A., ARIAS ARCINIEGAS, C. M., PÉREZ-SÁNCHEZ, E. O., CORREA JANNE, P. (2019). INOVACIÓN SOCIAL COMO ESTRATEGIA PARA FORTALECER EL TURISMO RURAL COMUNITARIO EN COLOMBIA. *REVISTA VENEZOLANA DE GERENCIA*, 25(89), 92-104. [HTTPS://WWW.REDALYC.ORG/JOURNAL/290/29062641008/HTML/](https://www.redalyc.org/JOURNAL/290/29062641008/HTML/)
- ARRATIA, E. M., CASTREJÓN, Y. D. P., RUÍZ, A. E. J., BARQUÍN, R. C. S. (2022). COOPERATIVISMO COMO UNA HERRAMIENTA PARA EL TURISMO DE BASE COMUNITARIA, LA RESPUESTA DESDE LA LITERATURA. *PASOS, REVISTA DE TURISMO Y PATRIMONIO CULTURAL*, 20(1), 195-208. [HTTPS://OJSULL.WEBS.ULL.ES/INDEX.PHP/REVISTA/ARTICLE/VIEW/2939](https://ojsull.webs.ull.es/index.php/revista/article/view/2939)
- BARDIN, L. (2011). *ANÁLISE DE CONTEÚDO*. SÃO PAULO: EDIÇÕES 70.
- BARTHOLO, R., SANSOLO, D. G., BURSZTYN, I (ORGS.). (2009). *TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: DIVERSIDADE DE OLHARES E EXPERIÊNCIA BRASILEIRAS*. LETRA E IMAGEM.
- BENI, M. C., MOESCH, M. (2017). A TEORIA DA COMPLEXIDADE E O ECOSISTEMA DO TURISMO. *TURISMO, VISÃO E AÇÃO*, ITAJAÍ/SC, 19(3), 430-457. [HTTPS://PERIODICOS.UNIVALI.BR/INDEX.PHP/RTVA/ARTICLE/VIEW/11662](https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/11662)
- BRAGA, M. F., FERREIRA, L. V. F., BARBOSA, J. W. Q. (2022). BRADING DE BASES COMUNITÁRIAS: O CASO DA RESERVA PONTA DO TUBARÃO/RN, BRASIL. *REVISTA CENÁRIO*, 10(1), 87-101. [HTTPS://PERIODICOS.UNB.BR/INDEX.PHP/REVISTACENARIO/ARTICLE/VIEW/43571](https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/43571)
- BUDEL, L., SEVERINI, V. F., REJOWSKI, M. (2023). DIMENSÕES DA HOSPITALIDADE NO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: SIMBOLOGIAS, RITOS E ARTEFATOS NA CASA DE FARINHA EM MANGABEIRA. *REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO*, SÃO PAULO, 17(1), 1-17. [HTTPS://RBTUR.ORG.BR/RBTUR/ARTICLE/VIEW/2497](https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2497)
- CABANILLA, E., ERCOLANI, P., & SEGUÍ, M. (2014). ENSAIO SOBRE O CONCEITO DE TURISMO COMUNITÁRIO A PARTIR DA COMPLEXIDADE E DA SUA APLICAÇÃO À REALIDADE DO EQUADOR [APRESENTAÇÃO DE TRABALHO]. *IX CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL*, SÃO PAULO, SP, BRASIL.
- CAMACHO, R. (2022). LA GESTIÓN AMBIENTAL Y EL TURISMO COMUNITARIO BASES DE UNA EDUCACIÓN AL DESARROLLO SOSTENIBLE E INCLUSIVO. *REVISTA DEL GRUPO DE INVESTIGACIÓN EN COMUNIDAD Y SALUD*, 7(4), 8-9. [HTTPS://WWW.RESEARCHGATE.NET/PUBLICATION/368573123](https://www.researchgate.net/publication/368573123) *REVISTA GICOS VOL7 NUM4 2022ESPECIAL*
- CARDOSO, T. S., BOMFIM, N. R. (2022). TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA QUILOMBOLA NA BAHIA (BRASIL): UMA PRÁXIS EDUCATIVA DECOLONIAL E TRANSMODERNA. *TURISMO E SOCIEDADE*, CURITIBA/PR, 15(2), 201-219. [HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/TURISMO/ARTICLE/VIEW/86476](https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/86476)
- CERQUEIRA, A, C. (2019). O VALOR DA VISITA EM UMA AÇÃO DE VISITAÇÃO: TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA, DINHEIRO E FILOSOFIA POLÍTICA SERTANEJA. *ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO*, 44(2), 281-304. [HTTPS://PERIODICOS.UNB.BR/INDEX.PHP/ANUARIOANTROPOLOGICO/ARTICLE/VIEW/33445](https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/33445)

- CORTEZ-GARCÍA, J.S., GONZAGA-VALLEJO, C., SUASNAVAS, M, G. (2021). DISEÑO Y PROMOCIÓN DE PRODUCTOS ECOTURÍSTICOS: CASO COMUNIDAD SAN MIGUEL DE NAPURAK, ECUADOR. *ROSA DOS VENTOS*, 13(3), 810-823. [HTTPS://WWW.REDALYC.ORG/JOURNAL/4735/473569971009/473569971009.PDF](https://www.redalyc.org/JOURNAL/4735/473569971009/473569971009.PDF)
- CONTI, B. R., ANTUNES, D. C. (2020). TURISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA: UMA APROXIMAÇÃO RELUTANTE. *ROSA DOS VENTOS*, 12(1), 106-121. [HTTPS://WWW.REDALYC.ORG/JOURNAL/4735/473563286008/473563286008.PDF](https://www.redalyc.org/JOURNAL/4735/473563286008/473563286008.PDF)
- CONTI, B. R., SPINOLA, J. T., SALDANHA, L. (2021). TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA E BIBLIOMÉTRICA DA LITERATURA. *PODIUM SPORT, LEISURE AND TOURISM REVIEW*, SÃO PAULO, 10(4), 50-80. [HTTPS://PERIODICOS.UNINOVE.BR/PODIUM/ARTICLE/VIEW/E18955](https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/e18955)
- DOMINGUES, I. (2005). SÍNTESE E PROSPECÇÕES. IN: DOMINGUES, IVAN (ORG.). *CONHECIMENTO E TRANSDISCIPLINARIDADE II: ASPECTOS METODOLÓGICOS*. EDITORA UFMG.
- ENDERE, M. L., ZULAICA, M. L. (2015). SUSTENABILIDAD SOCIOCULTURAL Y BUEN VIVIR EN SITIOS PATRIMONIALES: EVALUACIÓN DEL CASO AGUA BLANCA, ECUADOR. *AMBIENTE E SOCIEDADE*, 18(4), 265-290. [HTTPS://ENCURTADOR.COM.BR/HJRTA](https://encurtador.com.br/HJRTA)
- FRAGELLI, C., IRVING, M. DE A., & OLIVEIRA, E. (2019). TURISMO: FENÔMENO COMPLEXUS DA CONTEMPORANEIDADE? *CADERNO VIRTUAL DE TURISMO*, 19(3). [HTTPS://DOI.ORG/HTTPS://DOI.ORG/10.18472/CVT.19N3.2019.1663](https://doi.org/https://doi.org/10.18472/cvt.19n3.2019.1663)
- FURLAN, S. A. (2022). TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: REFLEXÕES SOBRE CAMINHOS E DESAFIOS. *REVISTA-E*, SÃO PAULO, 60-63. [HTTPS://ENCURTADOR.COM.BR/BTAU7](https://encurtador.com.br/BTAU7)
- GRACIANO, P. F. & HOLANDA, L. A. (2020). ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA DE 2013 A 2018. *REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO*, 14(1), 161-179. [HTTP://DX.DOI.ORG/10.7784/RBTUR.V14I1.1736](http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v14i1.1736)
- GRIMM, I. J., SAMPAIO, C. A. C., GARCIA, M. (2017). ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO: A PESQUISA CIENTÍFICA NO CAMPO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA. *GESTIÓN TURÍSTICA*, 27(1), 44-64. [HTTP://REVISTAS.UACH.CL/INDEX.PHP/GESTUR/ARTICLE/VIEW/672](http://revistas.uach.cl/index.php/gestur/article/view/672)
- GRIMM, I. J., & SAMPAIO, C. A. C. (2011). TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: CONVIVENCIALIDADE E CONSERVAÇÃO AMBIENTAL. *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS*, 19(1), 57-68. [HTTPS://WWW.RBCIAMB.COM.BR/PUBLICACOES_RBCIAMB/ARTICLE/VIEW/362](https://www.rbciamb.com.br/publicacoes_rbciamb/article/view/362)
- IRVING, M. DE A. (2009). REINVENTANDO A REFLEXÃO SOBRE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA. INOVAR É POSSÍVEL? IN: BARTHOLO, R., SANSOLO, D. G., BURSZTYN, I (ORGS.). *TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: DIVERSIDADE DE OLHARES E EXPERIÊNCIA BRASILEIRAS*. (PP. 108–121). LETRA E IMAGEM.
- KALAOUM, F., SANTIAGO, P. E. S. (2020). O TURISMO NA FAVELA DO VIDIGAL: BASE COMUNITÁRIA OU BASE MERCADOLÓGICA? *ANAIAS BRASILEIROS DE ESTUDOS TURÍSTICOS*, 10(1), 1-13. [HTTPS://PERIODICOS.UFJF.BR/INDEX.PHP/ABET/ARTICLE/VIEW/27307](https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/27307)
- LOPES, A. B., SOARES, J. R., SANTOS, X. M. (2023). A IMPORTÂNCIA DO TURISMO CONSCIENTE NA PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO DESTINO DE FOZ DO IGUAÇU. *REVISTA TURISMO, ESTUDOS E PRÁTICAS*, 12(2), 1-15. [HTTPS://ENCURTADOR.COM.BR/DJ457](https://encurtador.com.br/DJ457)
- LOOR BRAVO, L., PLAZA MACÍAS, N., MEDINA VALDÉZ, Z. (2021). TURISMO COMUNITARIO EN ECUADOR: APUNTES EN TIEMPOS DE PANDEMIA. *REVISTA DE CIENCIAS SOCIALES*, 27(1), 265-275. [HTTPS://PRODUCCIONCIENTIFICALUZ.ORG/INDEX.PHP/RCS/ARTICLE/VIEW/35312](https://produccioncientificaluz.org/index.php/rcs/article/view/35312)

Ferreira et al. A Teoria da Complexidade como contribuição para o desenvolvimento das pesquisas no campo do Turismo de Base Comunitária na América Latina

- MATOS, M. B. A., BARBOSA, M. L. A. (2018). AUTENTICIDADE EM EXPERIÊNCIAS DO TURISMO: PROPOSIÇÃO DE UM NOVO OLHAR BASEADO NA TEORIA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN. *REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO*, 12(3), 154-171. [HTTPS://RBTUR.ORG.BR/RBTUR/ARTICLE/VIEW/1457](https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1457)
- MINISTÉRIO DO TURISMO (MTUR). (2023, SETEMBRO 10). *MAPA BRASILEIRO DO TURISMO RESPONSÁVEL*. [HTTPS://ENCURTADOR.COM.BR/STQZ8](https://encurtador.com.br/STQZ8)
- MORAES, E. A., IRVING, M. A., MENDONÇA, T. C. M. (2018). TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA AMÉRICA LATINA: UMA ESTRATÉGIA EM REDE. *TURISMO, VISÃO E AÇÃO*, 20(2), 249-265. [HTTPS://PERIODICOS.UNIVALI.BR/INDEX.PHP/RTVA/ARTICLE/VIEW/13161](https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/13161)
- MORAES, E. A., IRVING, M. A., PEDRO, R. M. R. L., OLIVEIRA, E. (2020). TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA À LUZ DA TEORIA ATOR-REDE: NOVOS CAMINHOS INVESTIGATIVOS NO CONTEXTO BRASILEIRO. *REVISTA CRÍTICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 122(1), 145-168. [HTTPS://JOURNALS.OPENEDITION.ORG/RCCS/10761](https://journals.openedition.org/rccs/10761)
- MORIN, E. (2005). *CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA*. (5ª Ed). BERTRAND BRASIL.
- MORIN, E. (2015). *INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO COMPLEXO*. SULINA.
- MORIN, E., CIURANA, E., MOTTA, R. D. (2003). *EDUCAR NA ERA PLANETÁRIA: O PENSAMENTO COMPLEXO COMO MÉTODO DE APRENDIZAGEM PELO ERRO E INCERTEZA HUMANA*. SÃO PAULO: CORTEZ; BRASÍLIA: UNESCO.
- MORIN, E. (2000). *OS SETE SABERES NECESSÁRIOS À EDUCAÇÃO DO FUTURO*. SÃO PAULO: CORTEZ; BRASÍLIA: UNESCO.
- OLIVEIRA, O. P., SANTOS, B. P. C. (2019). TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA AMAZÔNIA LEGAL BRASILEIRA: ORGANIZAÇÃO DA ATIVIDADE OU ESTRATÉGIA DE MARKETING? *REVISTA BRASILEIRA DE ECOTURISMO*, 12(4), 488-505. [HTTPS://ENCURTADOR.COM.BR/IOHJ8](https://encurtador.com.br/IOHJ8)
- PANOSSO NETTO, A., NECHAR, M. C. (2014). EPISTEMOLOGIA DO TURISMO: ESCOLAS TEÓRICAS E PROPOSTA CRÍTICA. *REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO*, 8(1), 120-144. [HTTPS://RBTUR.ORG.BR/RBTUR/ARTICLE/VIEW/719](https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/719)
- PROENÇA, A. R. G. B., PANOSSO NETTO, A. (2022). TURISMO EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS. *REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO*, 16(1), 1-22. [HTTPS://RBTUR.ORG.BR/RBTUR/ARTICLE/VIEW/2408/1508](https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/2408/1508)
- ROSA, T. F., PASTOR-ALFONSO, M. J., FERNANDES-COSTA, L. S. (2023). TECNOLOGÍA SOCIAL, TURISMO DE BASE LOCAL Y TURISMO DE BASE COMUNITARIA: BREVE DEBATE BUSCANDO MEJORAS EN LAS ACTIVIDADES DEL TURISMO COMUNITARIO. *TURISMO Y PATRIMONIO*, 20(1), P.47-62. [HTTP://OJS.REVISTATURISMOYPATRIMONIO.COM/INDEX.PHP/TYP/ARTICLE/VIEW/312](http://ojs.revistaturismoypatrimonio.com/index.php/typ/article/view/312)
- SAMPAIO, C. A. C., ZECHNER, T., HENRÍQUEZ, C., CORIOLANO, L. M. N., FERNANDES, S. (2014). TURISMO COMUNITÁRIO A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS, CHILENAS E COSTARRIQUENHA. *REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO*, 8(1), 45-58. [HTTPS://RBTUR.ORG.BR/RBTUR/ARTICLE/VIEW/575](https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/575)
- SAMPAIO, C. A. C., & ZAMIGNAN, G. (2012). ESTUDO DA DEMANDA TURÍSTICA: EXPERIÊNCIA DE TURISMO COMUNITÁRIO DA MICROBACIA DO RIO SAGRADO, MORRETES (PR). *CULTUR - REVISTA DE CULTURA E TURISMO*, 6(1), 25–39. [HTTP://WWW.PUBLICACOESDETURISMO.COM.BR/REF.PHP?ID=3954](http://www.publicacoesdeturismo.com.br/ref.php?id=3954)
- SANTOS, M. E. F. (2022). *ECOLOGIA DOS SABERES: DA DECOLONIALIDADE À FORMAÇÃO DO SUJEITO ECOLÓGICO NO TERRITÓRIO QUILOMBOLA BREJÃO DOS NEGROS, SERGIPE*. [DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, PROFICIAMB/UFS]. [HTTPS://RI.UFS.BR/HANDLE/RIUFS/16876](https://ri.ufs.br/handle/riufs/16876)

Ferreira et al. A Teoria da Complexidade como contribuição para o desenvolvimento das pesquisas no campo do Turismo de Base Comunitária na América Latina

SILVA, T. P. G. DA, COSTA, M. F., & HOLANDA, L. A. DE. (2021). ENVIRONMENTALLY RESPONSIBLE BEHAVIOUR, PLACE AUTHENTICITY AND OPENNESS TO EXPERIENCE FOR COMMUNITY-BASED TOURISM (CBT) DESTINATIONS. *INTERNATIONAL JOURNAL OF TOURISM POLICY*, 11(2), 93–116. [HTTPS://DOI.ORG/10.1504/IJTP.2021.117368](https://doi.org/10.1504/IJTP.2021.117368)

SOSA, M. C. (2023). LÁ PLANEACIÓN DEL DESARROLLO TURÍSTICO COMO UNA INDUSTRIA COMUNITÁRIA. *VISIÓN DE FUTURO, MISIONES ARGENTINA*, 27(1), 40-58. [HTTPS://REVISTACIENTIFICA.FCE.UNAM.EDU.AR/INDEX.PHP/VISIONDEFUTURO/ARTICLE/VIEW/752/793](https://revistacientifica.fce.unam.edu.ar/index.php/visiondefuturo/article/view/752/793)

WALKOWSKI, M. C. (2019). O POTENCIAL DA PRODUÇÃO ASSOCIADA AO TURISMO E AO TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA EM JOINVILLE-SC. *REVISTA TURISMO EM ANÁLISE*, 30(3), 406-422. [HTTPS://WWW.REVISTAS.USP.BR/RTA/ARTICLE/VIEW/160211](https://www.revistas.usp.br/RTA/article/view/160211)

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

<i>Contribuição dos autores:</i>	Jean Carlos Estanislau Ferreira: conceituação, investigação, curadoria, escrita - primeira-redação. Talita Poliana Guedes da Silva: conceituação, investigação, análise, escrita - revisão e edição. Marcelo da Silva Taveira: conceituação, revisão. Mauro Lemuel de Oliveira Alexandre: metodologia.
<i>Financiamento:</i>	O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) Código de Financiamento 001.
<i>Aspectos éticos:</i>	Não se aplica
<i>Conflitos de interesse:</i>	Não se aplica
<i>Apresentação Prévia:</i>	Não se aplica
<i>Histórico:</i>	Submetido/Received: 31-10-2023 Aprovado/Acepted.: 09-04-2024